



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

TO BUY FINE THINGS¹: TRABALHOS E PERSPECTIVAS RECENTES SOBRE O CONSUMO DE IMPORTAÇÕES MEDITERRÂNEAS NO SUL DE PORTUGAL DURANTE O I MILÉNIO A.N.E.

Francisco B. Gomes²

RESUMO

Nos últimos anos, o projecto *Made in the Mediterranean* tem vindo a sistematizar as importações mediterrâneas documentadas na Idade do Ferro do Sul de Portugal. Neste contexto, tem-se prestado particular atenção a elementos tradicionalmente menos estudados, com destaque para os objectos de adorno em vidro, faiança, cornalina e âmbar, aos recipientes de substâncias aromáticas e, mais recentemente, às evidências indirectas de produtos têxteis. A presente contribuição oferece uma síntese dos principais trabalhos realizados no contexto deste projecto, bem como de outros desenvolvimentos relevantes no estudo dessas categorias artefactuais ocorridos nos últimos anos. Pretende-se assim estabelecer um breve estado da arte, bem como apontar vias prioritárias de investigação no futuro.

Palavras-chave: Idade do Ferro; Consumo; *Exotica*; Objectos de adorno; Têxteis.

ABSTRACT

In the past few years, the *Made in the Mediterranean* project has been systematizing the Mediterranean imports documented in Southern Portugal during the Iron Age. Particular attention has been given to traditionally neglected types of material, namely adornment objects in glass, faience, carnelian and amber, containers for perfumes and, more recently, the indirect evidence related to textiles. This contribution offers a synthesis of the work conducted in the framework of this project, as well as of other relevant developments in the study of the aforementioned materials in the past few years. The goal is to establish a state of the art for such research, as well as to point out some priority lines to explore in future research.

Keywords: Iron Age; Consumption; *Exotica*; Adornment objects; Textiles.

1. O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO: O PROJECTO *MADE IN THE MEDITERRANEAN*

A presença de objectos realizados em matérias-primas exóticas no Sul de Portugal em contextos datáveis do final do II e do I milénio a.n.e. é um facto bem conhecido (v., p. ex., Arruda, 2008). Contudo, e de forma algo paradoxal, até datas recentes o estu-

do aprofundado desses materiais raramente se considerou prioritário, limitando-se boa parte dos trabalhos que os recolhem a referenciar a sua presença e a apontar para o seu carácter como indicadores de contactos inter-regionais e de intercâmbios a longa distância, sem maior problematização das suas características intrínsecas, das suas biografias, nem das suas funções e contextos sociais de uso. A constatação desse facto resultou na implemen-

1. K. Kavafis, *Ithaka* (1911) (trad. E. Keeley & P. Sherrard, 1975).

2. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / franciscojbgomes@gmail.com

tação, a partir de 2017, do projecto de investigação *Made in the Mediterranean: Consumo, Identidade e Economia Política no Bronze Final e na I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, inicialmente financiado por uma Bolsa de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia³ e actualmente suportado por um Contrato de Estímulo ao Emprego Científico com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa financiado pela mesma fundação⁴. Este projecto tem como principal objectivo catalogar e sistematizar todos os elementos mediterrâneos, ou de tipo mediterrâneo, documentados no Sul de Portugal entre o Bronze Final e a Idade do Ferro. Para lá do levantamento da informação disponível, este projecto pretende também reavaliar estes materiais do ponto de vista do *consumo* (cf. Gomes, 2020a), desenvolvendo uma análise focada nas práticas sociais e nas agendas políticas locais, como contraponto às leituras mais tradicionais que tenderam a analisar estes materiais sobretudo na óptica do comércio e da reconstituição das rotas de difusão e, por extensão, da fisionomia do comércio transregional. De uma forma geral, o projecto visa cobrir todos os elementos de cultura material de origem ou de inspiração exógena. No entanto, a concepção do projecto partiu também da constatação de que o conhecimento sobre esses elementos é muito desigual, havendo materiais – como os recipientes cerâmicos (v., p. ex., Arruda, 1997; 2005; Arruda *et al.*, 2020; Ferreira, 2022), os objectos metálicos (v., p. ex., Jiménez Ávila, 2002; Correia *et al.*, 2013; Arruda *et al.*, 2015) ou os *aegyptiaca* (Almagro-Gorbea & Torres, 2009) – que mereceram considerável atenção e interesse, enquanto outras categorias artefactuais com elevado potencial informativo foram substancialmente menos trabalhadas. Assim, assumiu-se como estratégia dar prioridade a um conjunto de realidades materiais que se encontravam menos estudadas, incluindo os objectos de adorno e indumentária em matérias-primas como o vidro, as pedras semipreciosas, a faiança ou o âmbar, e os contentores de substâncias aromáticas e/ou cosméticas. A estes elementos vieram ainda a somar-se abordagens exploratórias a outros materiais perecíveis, nomeadamente têxteis, cuja presença se

pode unicamente rastrear através de evidências secundárias (v. Cáceres Gutiérrez, 1997).

A presente contribuição visa dar conta dos desenvolvimentos ocorridos nos últimos anos na investigação sobre essas categorias de materiais cujo estudo constitui o cerne do projecto *Made in the Mediterranean*, focando-se primariamente nas actividades do mesmo, mas sem descurar outros desenvolvimentos pertinentes.

2. IMPORTAÇÕES MEDITERRÂNEAS NO SUL DE PORTUGAL DURANTE O I MILÉNIO A.N.E.: ‘VELHOS’ E NOVOS DADOS

2.1. Perfumes e substâncias aromáticas

A sequência de recipientes destinados ao transporte de substâncias aromáticas documentados no território português e, mais latamente, peninsular (v. Gomes, 2023a) inicia-se com as chamadas “oil bottles” fenícias (cf. Orsingher, 2010). O panorama da presença destas peças no actual território português foi analisado já há alguns anos a propósito do estudo de uma peça inédita procedente da necrópole de Alcácer do Sal (Gomes, 2015). Mais recentemente, os novos dados do território nacional foram enquadrados numa revisão mais ampla da distribuição e consumo destes recipientes e dos seus conteúdos na Península Ibérica (Gomes, 2019).

Partindo da base documental compilada, foi igualmente possível analisar o ritmo do aprovisionamento das substâncias aromáticas contidas nestes recipientes e analisar a representatividade dos vários centros que os produziram nos conjuntos peninsulares ao longo do tempo. Essa análise revelou a existência de padrões de grande interesse histórico, como a existência de uma quebra pronunciada na presença de “oil bottles” nos meados do século VII a.n.e., coincidente com um declínio acentuado das peças de produção oriental e com o arranque de um incremento igualmente acentuado das produções fenício-ocidentais (Gomes, 2019: Fig. 5). Este padrão parece reflectir um contexto geopolítico mais lato, concretamente a perda de autonomia das metrópoles fenícias orientais e uma consolidação dos núcleos da diáspora fenícia no Mediterrâneo Central e Ocidental, mostrando bem como estes objectos tantas vezes descurados podem ilustrar dinâmicas históricas de grande alcance.

Outra categoria de recipientes putativamente destinados ao transporte das substâncias aromáticas

3. Ref.^a SFRH/BPD/115343/2016.

4. Ref.^a CEECIND/O1109/2018.

ou cosméticas inclui recipientes de tradição grega arcaica, representados na Península Ibérica por distintas produções, com destaque naturalmente para os *aryballoi* e outros recipientes coríntios e para os seus congéneres produzidos na Grécia Oriental (v. Domínguez & Sánchez, 2001, pp. 84-90), mas também para os *aryballoi* de faiança integráveis na tradição dos chamados “mixed-style faïence vessels”, de provável produção naucrática (v. Jiménez Ávila & Ortega Blanco, 2004, pp. 89-93, com bibliografia).

No território português, e até ao momento, apenas se documentaram alguns escassos recipientes de origem coríntia, nomeadamente em Castro Marim, onde se recolheu um fragmento de *olpe* do Coríntio Médio (Arruda *et al.*, 2020, pp. 25-26), e na Quinta do Almaraz (Almada), onde se recolheram fragmentos de um *aryballos* e de outro possível *olpe*, também enquadráveis no Coríntio Médio (Ferreira, 2022, pp. 131-132, com bibliografia).

Estas peças poderão contextualizar-se num fluxo mais amplo de substâncias aromáticas de origem grega durante a época arcaica que, não sendo quantitativamente maioritário, se encontra bem atestado, como ficou dito, no território peninsular. Os padrões de distribuição e consumo dos recipientes desta categoria e seus conteúdos encontram-se ainda em análise, mas num trabalho recente foi já possível estabelecer um panorama da sua distribuição geográfica e da sua representatividade (Gomes, 2023a, Figs. 1 e 3).

A estes recipientes das fases mais antigas da Idade do Ferro poderão também acrescentar-se, como hipótese, os unguentários de alabastro de pequenas dimensões (cf. López Castro, 2006). No território português estas peças não são comuns, mas aos exemplares já conhecidos da Quinta do Almaraz (Cardoso, 2004, Fig. 18o) haveria agora a somar o recentemente publicado unguentário de alabastro da Azougada (Moura) (Antunes, 2016/2017). Não é totalmente evidente se o consumo destas peças se relaciona com os seus possíveis conteúdos ou com o valor intrínseco dos recipientes, mas a primeira hipótese não se deve descartar.

O declínio da presença destas categorias de recipientes, que coincide com o período de reestruturação da presença fenícia no Sul Peninsular durante o século VI a.n.e. (Gomes, 2023a), parece ter deixado um vazio que foi preenchido, a breve trecho, pela chegada em quantidades apreciáveis de recipientes de vidro modelados sobre núcleo friável (*core-for-*

med glass vessels) integráveis no Grupo Mediterrâneo 1 (Feugère, 1989; Fabião, 2001; Gomes, no prelo a).

Um estudo recente dos padrões de consumo deste tipo de recipientes a nível peninsular (Gomes no prelo a), que procurou actualizar o panorama traçado no clássico estudo de M. Feugère (1989), permitiu compreender que a distribuição destes recipientes oriundos do Egeu para Ocidente se operou através das redes comerciais tanto gregas como púnicas. São provavelmente estas últimas as responsáveis pelos exemplares documentados até ao momento no actual território nacional.

A distribuição alcançada por estes contentores é muito mais vasta que a dos seus predecessores, mas curiosamente apresenta uma geografia muito similar à da distribuição da cerâmica ática de figuras vermelhas e de verniz negro de época clássica (v. Domínguez & Sánchez, 2001; para o território português, v. tb. Ferreira, 2022). Não menos curioso é o facto de, tal como aquelas, desaparecerem do registo arqueológico peninsular entre o segundo quartel e os meados do século IV a.n.e., deixando novamente um vazio difícil de suprir. Os sucedâneos destes recipientes dos Grupos Mediterrâneos 2 e, mais tarde, 3 nunca chegaram a mitigar esse vazio, sendo vestigial a sua presença no território peninsular, e no português em particular (Feugère, 1989; Gomes, 2022a; no prelo a).

Vistas no seu conjunto, estas várias categorias de recipientes reflectem o dinamismo do processo histórico do período em apreço, mas também a procura sustentada de substâncias aromáticas, nomeadamente importadas, ao longo de todo o período abordado. Esta constatação abre uma janela para a importância dessas substâncias para as comunidades locais, para as suas práticas sociais e religiosas, as suas fórmulas de representação e os seus regimes de cuidados corporais.

2.2. Contas e pendentes de cornalina

Outra categoria artefactual à qual até há pouco tempo se tinha prestado uma atenção limitada (v., contudo, Gonçalves *et al.*, 2011; para a Península Ibérica em geral, v. Martín de la Cruz, 2004) inclui um conjunto de objectos de adorno de cornalina. Na Península Ibérica, onde não se conhecem quaisquer fontes desta pedra semi-preciosa, as primeiras atestações de objectos realizados neste material não precedem os finais do II milénio a.n.e. (Martín de la Cruz, 2004; Gomes, 2021a).

Até datas recentes, a maioria das discussões sobre os adornos de cornalina centravam-se de forma quase exclusiva num único tipo de pendente de aspecto fitomórfico (v. *infra*). Os restantes objectos, nomeadamente as contas de morfologia mais simples, receberam bastante menos atenção, o que permitiu posicionar a documentação portuguesa na linha da frente da discussão, quer através de estudos analíticos (Gonçalves *et al.*, 2011) quer mediante a publicação de uma síntese global incluindo todo o material conhecido para o Bronze Final e a Idade do Ferro do Sul de Portugal (Gomes, 2018).

Nessa contribuição foi possível estabelecer uma ordenação tipológica destes materiais, bem como discutir a cronologia de alguns elementos emblemáticos (v. *infra*). O panorama então traçado para a Idade do Ferro não se alterou substancialmente nos últimos anos (Fig. 1), havendo ainda assim a notar a publicação de novos materiais procedentes das Mesas do Castelinho (Almodôvar) (Estrela, 2019) e de Chibanes (Palmela) (Estrela, 2021, pp. 360-361), enquadráveis em contextos tardios, da II Idade do Ferro. Actualmente encontra-se também em estudo um substancial conjunto de peças procedente da Cabeça de Vaiamonte (Monforte), infelizmente sem contexto, mas que se enquadrará seguramente entre o final da Idade do Bronze e o início do domínio romano⁵.

Um dos aspectos que o estudo integrado do material português permitiu rever foi precisamente o enquadramento crono-cultural dos pendentes fitomorfos antes mencionados. Estas peças, como ficou dito, mereceram maior atenção por parte da investigação por terem sido interpretados por alguns autores (esp. Martín de la Cruz, 2004) como evidências de contactos entre a Península Ibérica e o Mediterrâneo Oriental ainda durante o II milénio a.n.e.. Contudo, pode sublinhar-se que os exemplares portugueses bem contextualizados procedem de contextos decididamente mais tardios, sobretudo dos séculos VI – V a.n.e., vindo de encontro à possibilidade já avançada por outros autores (Torres Ortiz, 2008, pp. 77-78; Gomá Rodríguez, 2018, p. 211) de que a chegada destas peças possa relacionar-se já com o comércio fenício (Gomes, 2018, p. 41).

É essa também a conclusão de um estudo à escala do Mediterrâneo publicado posteriormente (Gomes

2021a), no qual foi possível demonstrar que não existem razões convincentes para atribuir uma cronologia alta a estes materiais, não faltando exemplos da perduração deste tipo de peças também na Idade do Ferro do Levante (cf. Gomes, 2023b), o que permite sustentar uma difusão para Ocidente a partir do âmbito fenício já durante o I milénio a.n.e..

À luz destes trabalhos é hoje possível repensar o contexto destes pendentes, e bem assim de muitos outros elementos de cornalina, que formam parte do vasto pacote de elementos de adorno em matérias-primas exóticas introduzidos durante este período através do comércio fenício, e que conheceram uma grande valorização social por parte das comunidades locais da I Idade do Ferro do Sul de Portugal, em particular nos âmbitos rurais do interior, onde parecem ter desempenhado uma função destacada na representação da identidade e do estatuto social, merecendo frequente inclusão nos espólios funerários (Gomes, 2018, p. 68).

2.3. Contas e pendentes de vidro e faiança

Dentro do leque de objectos de adorno em matérias-primas exóticas documentado no Sul português durante o I milénio a.n.e., o material mais bem representado continua a ser, sem lugar a dúvidas, o vidro (Fig. 2). No entanto, os pequenos objectos de adorno produzidos neste material raramente foram objecto de análises aprofundadas, faltando nomeadamente um estudo integrado da vasta documentação disponível na região. Embora se tenham produzido já avanços nesse sentido no âmbito do projecto *Made in the Mediterranean* (Gomes, 2020b; no prelo b), falta ainda inclusivamente uma tipologia global de referência para esta classe de material.

Apesar disso, deve salientar-se que os últimos anos assistiram a um renovado interesse por este tipo de objectos de adorno que, além de uma reforçada atenção aos mesmos nalgumas publicações de sítios concretos, se pode apreciar também na publicação de estudos monográficos de conjuntos de grande interesse, como os do Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos) (Arruda *et al.*, 2016), o das Mesas do Castelinho (Estrela, 2019) ou o de Chibanes (Estrela, 2021). Outros conjuntos emblemáticos, contudo, permaneciam – e, nalguns casos, permanecem – por estudar com critérios metodológicos actualizados, encerrando ainda em si um grande potencial informativo que merece ser explorado. Era, por exemplo, o caso do extenso conjunto da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) (Fig. 2), a que

5. Agradeço ao Professor Doutor Carlos Fabião por me ter chamado a atenção para este interessante conjunto.

se dedicou um recente estudo monográfico (Gomes, 2020b, com bibliografia) que permitiu estabelecer uma ordenação tipológica aberta e extensível que de futuro se adaptará para incluir todo o material vítreo do Sul português (Gomes, 2020b, Fig. 6). A operacionalidade e a flexibilidade deste sistema classificatório foram recentemente testadas com sucesso através da sistematização tipológica das contas oculadas (Gomes, no prelo b).

Mais pequeno, mas não por isso menos interessante, é o conjunto da sepultura da Corte de Père Jacques (Aljezur), também recentemente analisado (Gomes, 2021b). Actualmente encontram-se também avançados os estudos de outros conjuntos de referência, como o da necrópole da Fonte Santa (Ourique) (cf. Beirão, 1986; v. avanços deste estudo em Gomes, 2021c; no prelo b) e o de Cabeça de Vaia Monte (Monforte) (cf. Fabião, 2001), a que deveria somar-se no futuro o do também notável conjunto da Herdade do Gaio (Sines) (cf. Costa, 1967; 1972).

Apesar de o estudo global das contas de vidro da Idade do Ferro do Sul português se encontrar ainda em curso, a documentação já compulsada permite entrever algumas das particularidades e das linhas de força do material em análise. Por exemplo, um estudo recente permitiu reflectir sobre uma classe de peças que apresenta uma peculiar concentração no Sul português e que não conta com paralelos noutras regiões do Sul peninsular, e que engloba contas de vidro de aparência negra, maioritariamente oculadas a branco (Gomes, 2021c; v. tb. Lončarić, 2022). Este estudo permitiu confirmar a distribuição limitada deste tipo de peças, centrada no Baixo Alentejo e no interior algarvio, bem como a cronologia relativamente concentrada do seu uso, essencialmente centrada no século VI a.n.e. (Gomes, 2021c, pp. 134-136). Ambos estes factos diferenciam estas contas ‘negras’ das suas congéneres azuis-turquesa oculadas a branco e monocromas azuis ultramarinas, mais difundidas e com períodos de uso mais dilatados (Gomes no prelo c), aproximando-as inversamente de outras tipologias minoritárias com uma forte concentração nas mesmas regiões, como as contas tubulares translúcidas ou esverdeadas (Tipo 3.a da Fonte Velha de Bensafrim – v. Gomes, 2020b, pp. 102-103). Tudo indica que estes grupos mais raros e peculiares de peças marcarão a existência de umas rotas de difusão e aprovisionamento diferenciadas, mas também de uns padrões de gosto diversos mesmo à limitada escala regional.

Outro desenvolvimento merecedor de atenção diz respeito à realização, nos últimos anos, dos primeiros estudos analíticos dedicados ao vidro pré-romano do Sul português, e em particular às contas de vidro. Os primeiros resultados obtidos para o notável conjunto da necrópole da Vinha das Calças 4 (Beja) (Costa *et al.*, 2018; 2021; Lončarić, 2022) vieram reforçar o enorme potencial da análise interdisciplinar deste tipo de peças, assinalando nomeadamente a existência de produtos realizados com vidro de distintas procedências – concretamente levantino e egípcio (v. esp. Costa *et al.*, 2021) – que vem de encontro à hipótese de uma diversidade de vias de aprovisionamento que confluem no Extremo Ocidente. Espera-se que no futuro próximo estes estudos pioneiros venham a ampliar-se com outros dados, procedentes deste e de outros sítios.

Significativamente menos estudadas que as suas congéneres de vidro, a presença de contas realizadas em faiança tem-se vindo a constatar com cada vez maior frequência (Fig. 2). A abundância de contas de pequena dimensão produzidas neste material em várias necrópoles do século VI a.n.e. da região de Beja e de Serpa (em Montinhos 6, Serpa – Soares *et al.*, 2016, Fig. 3; na Vinha das Calças 4 – Arruda *et al.*, 2017, p. 212; em Palhais, Beja – Santos *et al.*, 2017; e no Monte do Bolor, Beja – Soares *et al.*, 2017, p. 285) vem reforçar a identificação de peças neste mesmo material em conjuntos procedentes de escavações realizadas em datas mais recuadas, como o da necrópole da Fonte Santa (Ourique) (cf. Beirão, 1986, p. 71; materiais actualmente em estudo) e a da Herdade do Gaio (Silva & Gomes, 1992, Fig. 52), ao que tudo indica da mesma cronologia.

Esta categoria de objectos de adorno merece ainda um estudo mais circunstanciado, que permita contextualizar as ocorrências do Sul português com o panorama global peninsular. Deve, contudo, salientar-se que, tal como no caso do vidro, os últimos anos assistiram também à publicação do primeiro estudo arqueométrico dedicado a este tipo de material, concretamente a peças procedentes uma vez mais da Vinha das Calças 4 (Costa *et al.*, 2022), que, além de confirmar a natureza da matéria-prima em apreço e oferecer uma leitura da sua composição e tecnologia produtiva, permitiu asseverar a sua origem levantina. Desejavelmente estes estudos pioneiros virão também a ser complementados por outros relativos aos restantes conjuntos mencionados num futuro próximo.

2.4. Contas de âmbar

Outra categoria de objectos que se encontra ainda por sistematizar inclui as contas de âmbar documentadas em diversos contextos do Sul português, particularmente da I Idade do Ferro (Fig. 3). Com efeito, e apesar da atenção prestada desde cedo às contas de âmbar da Idade do Bronze (Vilaça *et al.* 2002) e do incremento recente dos estudos sobre o âmbar pré-histórico peninsular (Odriozola *et al.*, 2017; Murillo-Barroso *et al.*, 2018), o material da Idade do Ferro permanece em grande medida por estudar.

Ainda assim, a presença de contas de âmbar em contextos sidéricos do território meridional português está relativamente bem atestada. Adornos, e concretamente contas realizadas neste material foram documentadas na Herdade do Gaio (Costa, 1967; 1972; v. tb. Silva & Gomes, 1992, Fig. 52) (Fig. 3) e na necrópole do Pardieiro (Odemira) (Beirão, 1990). Na região de Ourique são também frequentes, estando presentes nas necrópoles da Mealha Nova e do Pêgo (Dias *et al.*, 1970), da Favela Nova (Dias & Coelho, 1983, pp. 203-204) e da Fonte Santa (Beirão, 1986, p. 71; materiais actualmente em estudo) e de Fernão Vaz (Beirão, 1972; 1986, p. 105).

A necrópole de Corte Margarida (Aljustrel) ofereceu também contas produzidas neste material (Deus & Correia, 2005, p. 616), que por outro lado são também uma ocorrência recorrente nas necrópoles da região de Beja, estando documentadas na Vinha das Calças 4 (cf. Arruda *et al.*, 2017) e no Monte do Bolor (Soares *et al.*, 2017). Em contextos não-funerários haveria ainda a assinalar os exemplares referenciados para o Castro da Cola (Ourique) (Viana, 1960; Vilhena, 2006) e para a gruta-santuário da Lapa da Cova (Sesimbra) (Jiménez Ávila *et al.*, 2018, p. 312).

Desconhece-se ainda a origem da matéria-prima utilizada na produção destas contas, embora possa sugerir-se como hipótese a continuidade do domínio do âmbar báltico atestada durante o período precedente (Vilaça *et al.*, 2002). Os contextos de achado destas peças e as suas associações não deixam, contudo, dúvidas quanto às vias essencialmente mediterrâneas da sua difusão. Com efeito, o âmbar surge sistematicamente associado ao vidro, à faiança e à cornalina, parecendo claro que se enquadra no mesmo pacote de *exotica* importado por via do comércio mediterrâneo, especialmente durante os séculos VI e V a.n.e..

2.5. Importações ‘invisíveis’? Considerações sobre os têxteis e a indumentária

Os materiais comentados nos apartados precedentes, bem como outros potencialmente importados ou, pelo menos, de inspiração exógena, como a joalharia (cf. Correia *et al.*, 2013) relacionam-se com um mesmo âmbito funcional: o da estética pessoal, incluindo os cuidados corporais, e o adorno. A articulação de todos estes elementos no contexto de regimes específicos de corporalidade começa hoje a compreender-se de forma cada vez mais clara (v. Gomes, no prelo d), mas, infelizmente, e por questões de conservação diferencial, um dos elementos fundamentais desta equação permanece virtualmente desconhecido.

Parece de facto muito provável que o pacote de elementos de importação a que se tem feito referência incluísse também produtos têxteis, já fossem eles tecidos ou peças de vestuário acabadas. Estes elementos perecíveis permanecem invisíveis no registo arqueológico, mas existem dados que permitem deduzir a sua presença e importância.

Com efeito, a importância do artesanato têxtil no mundo fenício-púnico é sobejamente conhecida (García Vargas, 2010). Parece, portanto, mais que provável que os produtos têxteis tenham composto uma parte não despicienda dos fluxos comerciais a que se tem vindo a aludir nos apartados precedentes. Por outro lado, a importância dos têxteis e da vestimenta pode também rastrear-se no registo arqueológico através de uma série de indicadores indirectos que têm vindo a ser crescentemente valorizados nos últimos anos.

A possível reprodução de padrões têxteis em outros suportes, já sugerida tanto para o Bronze Final (Cáceres Gutiérrez, 1997) como para a Idade do Ferro (Almagro-Gorbea, 2008), por exemplo, permanece uma hipótese sugestiva, mas ainda não explorada com a suficiente profundidade, e que bem poderia ser desenvolvida no futuro através de abordagens experimentais. No entanto, as principais evidências da importância da vestimenta nestes regimes de representação social centrados na aparência e no corpo continuam a ser os complementos metálicos de indumentária, nomeadamente as fíbulas, os fechos de cinturão e, em menor medida, os botões e apliques decorativos de vestimenta.

Um trabalho recente (Arruda *et al.*, 2022; v. tb. Gomes, 2022b) permitiu estabelecer uma síntese actualizada para os momentos iniciais da Idade do Ferro,

período para o qual se dispõe de melhor informação, complementada também por estudos específicos que têm permitido delimitar a existência de padrões de género mais ou menos claros na composição da indumentária (Gomes, no prelo e) que importaria continuar a explorar no futuro.

Paradoxalmente, o estudo deste tipo de peças na óptica da sua relação com os componentes têxteis da indumentária tem sido sistematicamente negligenciado face a abordagens de teor mais crono-tipológico. Um dos desafios de futuro para a melhor compreensão destas peças passa pela sua reapreciação em função dessa relação, estudando com maior atenção as suas características morfométricas, as suas marcas de uso, os padrões de fragmentação, as suas eventuais reparações, e também avaliando o seu potencial de uso através de aproximações experimentais.

2.6. Bugigangas ou fontes históricas?

Reflexões finais e perspectivas de estudo das importações mediterrâneas do I milénio a.n.e. no Sul português

Frequentemente considerados como elementos menores, sem demasiado potencial informativo, os materiais considerados nas páginas precedentes têm-se vindo a revelar como fontes de grande interesse não só para a reconstrução e ilustração de narrativas históricas de certo alcance, como sobretudo para a análise dos discursos de identidade, das práticas sociais e, em última análise, das economias políticas das comunidades que os consumiram (v. Gomes, 2022c; no prelo d).

Este avanço na investigação sobre estes materiais tem sido possível graças a um crescente investimento em leituras que combinam uma visão integrada, a uma escala relativamente alargada, com abordagens contextuais que valorizam o seu papel específico em cada comunidade através das suas associações a outros elementos de cultura material e aos âmbitos concretos em que foram mobilizados e/ou amortizados.

Se é certo que, como ficou patente nas páginas precedentes, essa linha de investigação tem já vindo a dar frutos positivos, não deve contudo deixar de se salientar uma vez mais que existe ainda uma larga margem de desenvolvimento para a investigação sobre os materiais aqui resenhados. Como também ficou dito acima, parece imperativo não só continuar a estudar novos e velhos conjuntos com métodos e protocolos de caracterização cada vez mais finos,

mas também avançar no sentido da sistematização da informação, com a constituição de mais e melhores sínteses de referência que estabeleçam as coordenadas geográficas, cronológicas e mesmo, nalguns casos, tipológicas das classes artefactuais aqui abordadas.

Por outro lado, parece imperativo dar continuidade ao impulso verificado nos últimos anos para a aplicação de metodologias interdisciplinares de estudo. A diversificação de análises arqueométricas como as realizados nos estudos pioneiros acima referenciados (Gonçalves *et al.*, 2011; Costa *et al.*, 2018; 2021; 2022; Lončarić, 2022) deve igualmente considerar-se uma prioridade, sendo desejável que os resultados dos mesmos se integrem de forma cada vez mais harmoniosa em modelos explicativos de corte histórico e numa narrativa sobre as vivências e desenvolvimento das comunidades locais.

Por último, e seguindo esta ideia, não pode também deixar de se salientar a importância de continuar a desenvolver a dimensão interpretativa do estudo destes materiais, que naturalmente não se esgota na análise dos objectos em si mesmos. De facto, foram já realizados alguns ensaios de interpretação do significado destes materiais e das dinâmicas sociais e políticas que rodeiam o seu consumo (Gomes, 2022c; no prelo d) que demonstram que os usos e a valorização social destas importações moldam e, simultaneamente, são moldados de forma muito clara pela estrutura sociopolítica das comunidades sidéricas do Sul português numa dinâmica que importa continuar a analisar.

O objectivo último do estudo destes materiais deve, assim, ser o de construir uma narrativa histórica, mas ao mesmo tempo antropológica, que permita aprofundar o conhecimento sobre as sociedades que os consumiram e a forma como a manipulação destes (e outros) objectos lhes permitiu navegar as conjunturas históricas em que viveram, construindo e projectando as suas agências, as suas opções sociais e políticas e, em última análise, as suas identidades culturais.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, Martín (2008) – Un tapiz fenicio en Galera (Granada, España): tapices y tejidos hispano-fenicios. *Lucentum*. 27, pp. 51-60.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; TORRES ORTIZ, Mariano (2009) – Los escarabeos fenicios de Portugal. Un estado de la cuestión. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 521-554.

- ANTUNES, Ana Sofia (2016/2017) – Um unguentário de alabastro na Azougada (Moura, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 6/7, pp. 59-124.
- ARRUDA, Ana Margarida (1997) – *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, Ana Margarida (2005) – Ânforas R1 em Portugal. In *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo: Università degli Studi di Palermo, pp. 1311-1318.
- ARRUDA, Ana Margarida (2008) – Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré-coloniais no Sul do território actualmente português. In CELESTINO, Sebastián; RAFEL, Nuria; ARMADA, Xose-Lois, eds. – *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.)*. La precolonización a debate. Madrid: CSIC, pp. 355-370.
- ARRUDA, Ana Margarida; BARBOSA, Rui; GOMES, Francisco B.; SOUSA, Elisa de (2017) – A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, coord. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida: Consorcio Ciudad de Mérida, pp. 187-225.
- ARRUDA, Ana Margarida; FERREIRA, Daniela; SOUSA, Elisa de (2020) – *A Cerâmica Grega do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: UNIARQ.
- ARRUDA, Ana Margarida; LOURENÇO, Pedro; LIMA, Joana (2015) – Bronces fenícios en Portugal: a propósito del hallazgo de un jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ed. – *Phoenician Bronzes in the Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 447-456.
- ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos; PIMENTA, João; SOUSA, Elisa de; MENDES, Henrique; SOARES, Rui (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *CuPAUAM*. Madrid. 42, pp. 79-101.
- ARRUDA, Ana Margarida; VILAÇA, Raquel; GOMES, Francisco B. (2022) – Ornamentos de vestuário orientalizantes em Portugal: uma panorâmica de la situación actual. In GRAELLS, Raimon; CAMACHO, Pablo; LORRIO, Alberto, eds. – *Problemas de Cultura Material. Ornamentos y elementos del vestuario en el arco litoral Mediterráneo-Atlántico de la península Ibérica durante la Edad del Hierro (ss. X – V a.C.)*. Alicante: Universidad de Alicante, pp. 83-118.
- BEIRÃO, Caetano de Mello (1972) – Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, pp. 193-221.
- BEIRÃO, Caetano de Mello (1986) – *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (Ier Âge du Fer)*. Paris: Éditions du Bocard.
- BEIRÃO, Caetano de Mello (1990) – Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. *Estudos Orientais*. Lisboa. I, pp. 107-118.
- CÁCERES GUTIÉRREZ, Yasmina (1997) – Cerámicas y tejidos: Sobre el significado de la decoración geométrica del Bronce Final en la Península Ibérica. *Complutum*. Madrid. 8, pp. 125-140.
- CARDOSO, João Luís (2004) – *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.
- CORREIA, Virgílio Hipólito; PARREIRA, Rui; SILVA, Armando Coelho Ferreira (2013) – *Ourivesaria Arcaica do Território Português*. Lisboa: CTT.
- COSTA, José Miguel da (1967) – O tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*. Lisboa. 5, pp. 529-537.
- COSTA, José Miguel da (1972) – O tesouro púnico-tartéssico do Gaio. In *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, pp. 97-120.
- COSTA, Mafalda; ARRUDA, Ana Margarida; DIAS, Luís; BARBOSA, Rui; MIRÃO, José; VANDENABEELE, Peter (2018) – The combined use of Raman and micro X ray diffraction analysis in the study of archaeological glass beads. *Journal of Raman Spectroscopy*. Hoboken. 50:2, pp. 250-261.
- COSTA, Mafalda; BARRULAS, Pedro; ARRUDA, Ana Margarida; DIAS, Luís; BARBOSA, Rui; VANDENABEELE, Peter; MIRÃO, José (2021) – An insight into the provenance of the Phoenician-Punic glass beads of the necropolis of Vinha das Calças (Beja, Portugal). *Archaeological and Anthropological Sciences*. Berlín. 13, n. 149.
- COSTA, Mafalda; BARRULAS, Pedro; ARRUDA, Ana Margarida; BARBOSA, R.; VANDENABEELE, Peter; MIRÃO, José (2022) – New approaches for the study of faience using beads from Southern Portugal. *Journal of Archaeological Science: Reports*. Amsterdão. 46, n. 103703.
- DEUS, Manuela de; CORREIA, José (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián; JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, eds. – *El Período Orientalizante*. Madrid: CSIC, pp. 615-618.
- DIAS, Maria Manuela Alves; BEIRÃO, Caetano de Mello; COELHO, Luís (1971) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. Série 3. 4, pp. 175-219.
- DOMINGUEZ, Adolfo; SÁNCHEZ, Carmen (2001) – *Greek Pottery from the Iberian Peninsula. Archaic and Classical Periods*. Leiden: Brill.
- ESTRELA, Susana (2019) – Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 18, pp. 193-214.
- ESTRELA, Susana (2021) – Adornos de Chibanes. In SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina, eds. – *O Castro de Chibanes na Conquista Romana. Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017*. Setúbal: MAEDS, pp. 357-376.

- FABIÃO, Carlos (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I Milénio a.C.: materiais da Cabeça de Vaíamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 197-228.
- FERREIRA, Daniela (2022) – *A cerâmica grega na fachada atlântica da Península Ibérica*. Porto: Universidade do Porto.
- FEUGÈRE, Michel (1989) – Les vases en verre sur noyau d'argile en Méditerranée nord-occidentale. In FEUGÈRE, Michel, ed., *Le verre préromain en Europe occidentale*. Montpellier: Éditions Monique Mergoïl. pp. 29-62.
- GARCÍA VARGAS, Enrique (2010) – Tejidos y tintes como objetos de lujo y símbolos de estatus en la colonización fenicio-púnica. Una propuesta de contextualización histórica. In COSTA, Benjamí; FERNÁNDEZ, Jordi H., eds. – *Aspectos suntuarios del mundo fenicio púnico en la Península Ibérica*. Ibiza: Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera, pp. 77-109.
- GOMÁ RODRÍGUEZ, Juan Luis (2018) – *El bronce final y la protocolonización en la Península Ibérica*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid. Inédita.
- GOMES, Francisco B. (2015) – As “oil bottles” de tipo fenício no território português e o consumo de substâncias aromáticas. *O Arqueólogo Português*. Série V. 3, pp. 289-310.
- GOMES, Francisco B. (2018) – La cornalina en el Bronce Final y en la Edad del Hierro del sur de Portugal. *Lucentum*. Alicante. XXXVII, pp. 55-74.
- GOMES, Francisco B. (2019) – Las oil bottles fenicias en la península ibérica: novedades y perspectivas de la investigación. *Pyrenae*. Barcelona. 50:1, pp. 85-107.
- GOMES, Francisco B. (2020a) – Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural. *Arqueologia & História*. Lisboa. 70, pp. 225-236.
- GOMES, Francisco B. (2020b) – O conjunto vítreo da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos). *Ophiussa*. Lisboa. 4, pp. 71-116.
- GOMES, Francisco B. (2021a) – Phytomorphic carnelian pendants in the Late Bronze and Iron Ages of the Iberian Peninsula: origin, distribution, and significance. *Complutum*. Madrid. 32:1, pp. 29-47.
- GOMES, Francisco B. (2021b) – El vidrio prerromano en el Algarve (Portugal): el conjunto de la tumba de Corte de Père Jacques. *Onoba*. Huelva. 9, pp. 93-108.
- GOMES, Francisco B. (2021c) – Early Iron Age ‘Black’ Glass from the South-West Iberian Peninsula: Typology, Distribution and Context. *Zephyrus*. Salamanca. LXXXVII, pp. 125-144.
- GOMES, Francisco B. (2022a) – Reconstructing Perfume Trade in Hellenistic Iberia: Ceramic Unguentaria and Other Perfume Vessels from the Late Iron Age to the Early Roman Period. In REMBART, Laura; WALDNER, Alice, eds. – *Manufacturers and Markets. The Contributions of Hellenistic Pottery to Economies Large and Small*. Viena: Phoibos Verlag, pp. 351-364.
- GOMES, Francisco B. (2022b) – A indumentária na Idade do Ferro do Sul de Portugal: reflexões a partir do caso da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *Conímbriga*. Coimbra. LXI, pp. 5-50.
- GOMES, Francisco B. (2022c) – Mediterranean *exotica* and the fabric of Early Iron Age society in Southwestern Iberia (8th-5th centuries BCE). *Layers*. Cagliari. 8, pp. 1-19.
- GOMES, Francisco B. (2023a) – Trade and Consumption of Mediterranean Perfumes in the Iron Age Iberian Peninsula: An Overview. In BENTZ, Martin; HEINZELMANN, Michael, eds. – *Archaeology and Economy in the Ancient World – Proceedings of the 19th International Congress of Classical Archaeology, Cologne/Bonn 2018. Sessions 4-5, Single Contributions*. Heidelberg: Propylaeum, pp. 317-325.
- GOMES, Francisco B. (2023b) – Egyptian carnelian in the Late Bronze/Early Iron Age Mediterranean? An exploratory approach. In MOSER, Susanna; POPIELSKA-GRZYBOWSKA, Joanna; IWASZCZUK, Jadwiga; RUO REDDA, Carlo, eds. – *Ancient Egypt 2021: Perspectives of Research*. Warsaw/ Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 25-36.
- GOMES, Francisco B. (no prelo a) – Pre-Roman and Early Roman core-formed glass vessels in the Iberian Peninsula: an overview. In *Annales of the 22nd Congress of the Association International pour l'Histoire du Verre*. Lisbon: AIHV/ VICARTE.
- GOMES, Francisco B. (no prelo b) – Iron Age Glass Eye Beads in Southern Portugal (7th – 2nd centuries BCE). *Trabajos de Prehistoria*. 80:2.
- GOMES, Francisco B. (no prelo c) – Black and Blue: Glass Beads in the Iron Age of Southern Portugal (7th – 2nd centuries B.C.E.). In *Annales of the 22nd Congress of the Association International pour l'Histoire du Verre*. Lisbon: AIHV/ VICARTE.
- GOMES, Francisco B. (no prelo d) – Made in the Mediterranean: Consumo, corporalidade e identidade en la I Edad del Hierro del sur de Portugal (ss. VIII/VII – V a.n.e.). In D'ANDREA, Bruno; de JONGHE, Marie; TAHAR, Mohamed, *Le goût comme construction culturelle. Actes de la Journée d'Études AGEMO III*. Madrid: Casa de Velázquez.
- GOMES, Francisco B.; COSTEIRA, Catarina; DESIDERIO, Anna Maria; ESPOSITO, Arianna; BARDELLI, Giacomo (no prelo e) – Exploring Dress, Gender, and Bodily Capital through Pre- and Protohistoric funerary contexts: case studies from Southwestern Europe. In QUILLIEN, Louise; SARRI, Kalliope; DROß-KRÜPE, Kerstin, eds. – *EuroWeb Anthology*. Lincoln: Zea E-books.

- GONÇALVES, António Pereira; SOARES, António Monge; SILVA, António Carlos; BERROCAL-RANGEL, Luis (2011) – Stone Beads from Late Bronze Age and Early Iron Age Settlements from South-Western Portugal: Analyses by X-Ray Diffraction. In TURBANTI-MEMMI, Isabella, ed. – *Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry*. Berlin: Springer, pp. 227-231.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2002) – *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; MATALOTO, Rui; CALADO, Manuel; GONÇALVES, Luís (2017) – Lapa da Cova (Sesimbra): a coastal sanctuary on the western boarder of the Mediterranean. In GUIRGUIS, Michele, ed. – *From the Mediterranean to the Atlantic: people, goods and ideas between East and West. II. 8th International Congress of Phoenician and Punic Studies*. Pisa/ Roma: Fabrizio Serra, pp. 309-316.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; ORTEGA BLANCO, José (2004) – *La cerámica griega en Extremadura*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- LONČARIĆ, Valentina (2022) – *Black-Appearing Iron Age Glass – A case study from the Iberian Peninsula*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Évora. Inédita.
- LÓPEZ CASTRO, José Luís (2006) – Colonials, merchants and alabaster vases: the western Phoenician aristocracy. *Antiquity*. Cambridge. 80:307, pp. 74-88.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (coord.) (2004) – Colgantes y cuentas de cornalina procedentes de Andalucía Occidental. *Revista de Prehistoria*. Córdoba. 3, pp. 7-47.
- MURILLO-BARROSO, Mercedes; PEÑALVER, Enrique; BUENO, Primitiva; BARROSO, Rosa; de BALBÍN, Rodrigo; MARTINÓN-TORRES, Marcos (2018) – Amber in prehistoric Iberia: New data and a review. *PLOS One*. San Francisco. 13:8, n. e0202235.
- ODRIOZOLA, Carlos; SOUSA, Ana Catarina; MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui; ANDRADE, Marco; VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; GARRIDO-CORDERO, José Ángel; RODRÍGUEZ, Eugenio; MARTÍNEZ-BLANES, José María; AVILÉS, Miguel Ángel; DAURA, Joan; SANZ, Montserrat; RIQUELME, José Antonio (2017) – Amber, beads and social interaction in the Late Prehistory of the Iberian Peninsula: an update. *Archaeological and Anthropological Sciences*. Berlin. 11, pp. 567-595.
- ORSINGHER, A. (2010) – Le oil bottle fenicie: analisi dei contesti e considerazione cronotipologiche. *Sardinia, Corsica et Baleares Antiquae*. Sassari. VIII, pp. 37-69.
- SANTOS, Filipe; ANTUNES, Ana Sofia; DEUS, Manuela de; GRILO, Carolina (2017) – A necrópole de Palhais (Beringel, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ed. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida: Consorcio Ciudad de Mérida, pp. 227-262.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da; GOMES, Mário Varela (1992) – *Proto-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SOARES, Rui; BAPTISTA, Lúcia; PINHEIRO, Rui; OLIVEIRA, Lurdes; RODRIGUES, Zélia; VALE, Nélson (2017) – A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ed. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida: Consorcio Ciudad de Mérida, pp. 263-302.
- SOARES, Rui Monge; BAPTISTA, Lúcia; RODRIGUES, Zélia (2016) – Os primeiros enterramentos sidéricos conhecidos na margem esquerda do Guadiana em território português. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 19, pp. 129-141.
- TORRES ORTIZ, Mariano (2008) – Los «tiempos» de la precolonización. In CELESTINO, Sebastián; RAFEL, Nuria; ARMADA, Xose-Lois, eds. – *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.)*. La precolonización a debate. Madrid: CSIC, pp. 59-92.
- VIANA, Abel (1960) – *Nossa Senhora da Cola: notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*. Beja: Câmara Municipal de Beja.
- VILAÇA, Raquel; BECK, Curt W.; STOUT, Edith C. (2002) – Provenience analysis of prehistoric amber artefacts in Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Madrid. 43, pp. 61-78.
- VILHENA, Jorge (2006) – *O Sentido da Permanência. As Envolturas do Castro da Cola nos 2º e 1º Milénios a.C.* Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita.

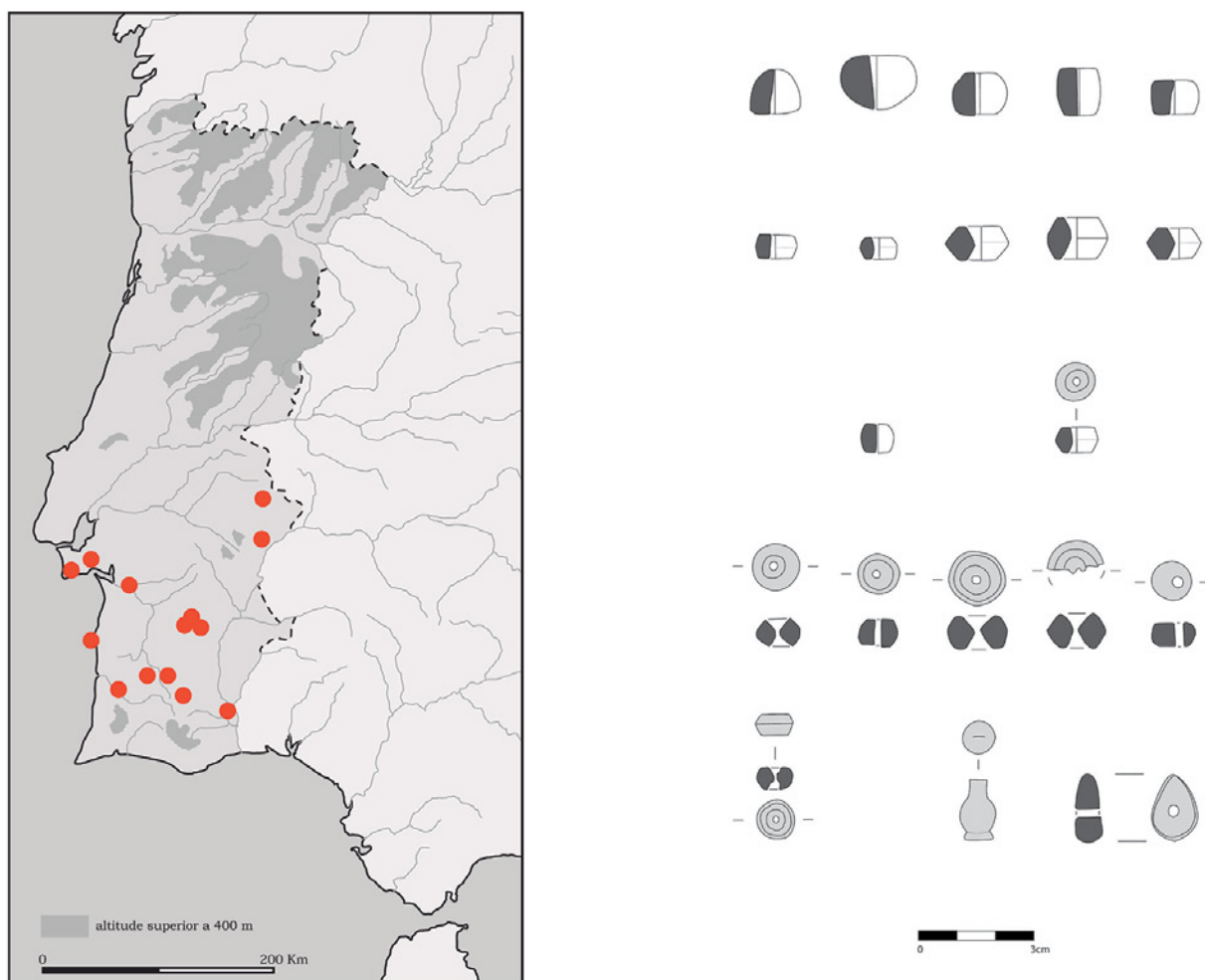


Figura 1 – Adornos de cornalina da Idade do Ferro do Sul de Portugal – distribuição e exemplares conhecidos (*apud* Gomes 2018, com bibliografia original).

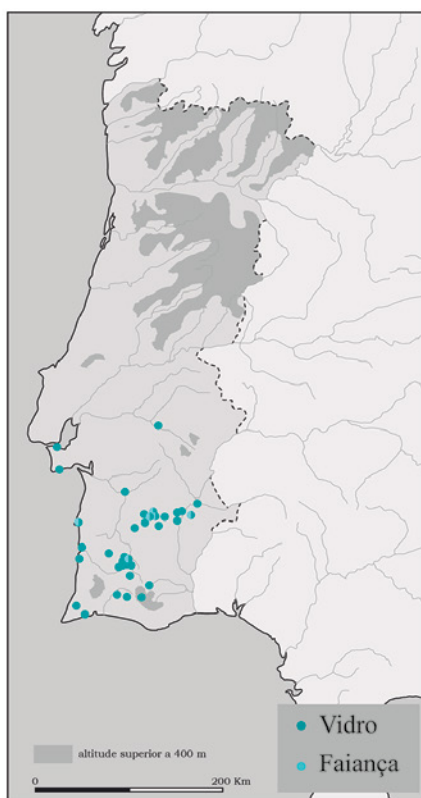


Figura 2 – Contas de vidro e faiança da I Idade do Ferro do Sul de Portugal – distribuição e exemplos recolhidos por S. Estácio da Veiga na Fonte Velha de Bensafirim (Lagos) e outros sítios algarvios (*apud* Gomes 2022c).

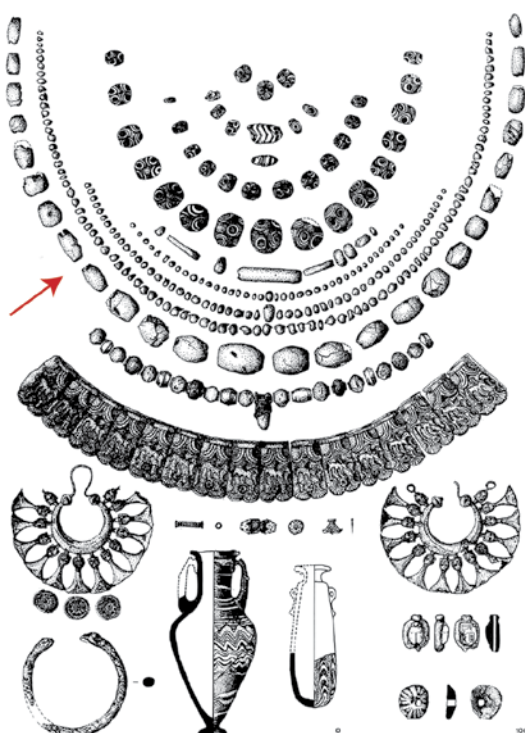
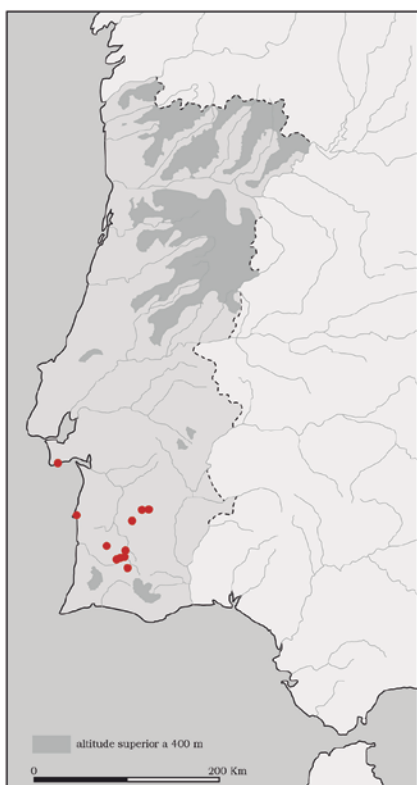


Figura 3 – Contas de âmbar da I Idade do Ferro do Sul de Portugal – distribuição e exemplos da Herdade do Gaio (Sines) (entre outros materiais de adorno do mesmo sítio) (seg. Silva & Gomes 1992).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**